

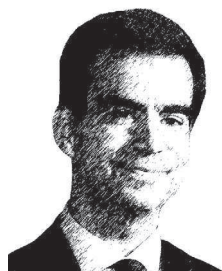
# As Razões da Derrota Ateniense na Guerra do Peloponeso

Este ensaio irá procurar analisar as razões que levaram à derrota de Atenas na Guerra do Peloponeso.

**C**omeçaremos por abordar as diferenças estratégicas no início do conflito entre Esparta e Atenas, de forma a compreendermos de que forma determinados acontecimentos, nomeadamente a expedição ateniense à Sicília e a entrada da Pérsia na Guerra do Peloponeso, influenciaram o resultado final da mesma. Por último, será ainda dada a devida atenção à democracia ateniense e os resultados da tomada de decisões estratégicas pela mesma durante a discussão à expedição de Atenas. Apesar da possibilidade de existirem razões que expliquem a derrota ateniense anteriores à expedição ateniense à Sicília, nomeadamente a estratégia defensiva delineada por Péricles e em particular a negociação da Paz de Nícias, julgamos que as principais razões para o resultado final se encontram na fase posterior da Guerra, uma vez, que, em última análise, esta se prolongou.

## AS ESTRATÉGIAS EM CONFLITO NA GUERRA DO PELOPONESO

Na discussão sobre a possibilidade da entrada de Esparta numa guerra com



POR  
**Daniel Rocha e Silva**

Aluno da Classe de 2012 do IEP-UCP

Atenas, ambos os lados em confronto, Arquidamo procurando manter a paz e Estenelaidas incitando à guerra, reconhecem o crescente poderio ateniense, que, como Tucídides assinala, foi a principal razão da guerra. Arquidamo argumentava que Esparta não conseguiria facilmente derrotar Atenas, antes pelo contrário, e que deveria portanto esperar alguns anos de forma a delinear a melhor estratégia e garantir os recursos necessários à vitória.<sup>1</sup> De facto, e ao contrário da opinião de Tucídides, desde o início que Esparta se apercebeu de que a derrota ateniense seria apenas alcançada através de uma longa Guerra, e a sua estratégia não incluía apenas excursões esporádicas a Ática.<sup>2</sup>

Pelo contrário, Estenelaidas considerava que a obrigação de ajudar os seus aliados deveria sobrepor-se à implementação de uma estratégia realista.<sup>3</sup> Tendo em conta as capacidades de

Esparta por um lado e de Atenas por outro, não será estranho perceber que as primeiras decisões estratégicas levaram a primeira a adoptar uma estratégia ofensiva de aniquilação, ao passo que Atenas, através de Péricles, se limitou a utilizar uma estratégia defensiva.<sup>4</sup>

Esta primeira análise ao início da Guerra do Peloponeso torna-se particularmente relevante ao analisar as razões para a derrota ateniense, se tomarmos em linha de conta as palavras e estratégia de Arquidamo. Este correctamente analisou a força de Atenas, a sua marinha, as suas grandes muralhas,<sup>5</sup> e o seu império como sendo as principais fontes, ou centros de gravidade como Clausewitz os classificava, do seu poder.<sup>6</sup> Como tal, para ser bem-sucedida, Esparta necessitaria de alcançar uma vantagem em um ou mais destes domínios para poder derrotar Atenas. Apesar da decisão de Esparta em começar a guerra imediatamente, iremos observar como, em particular após a Paz de Nícias e resultado de decisões atenienses, a aliança espartana foi capaz de derrotar o império ateniense precisamente através da vitória em cada um destes domínios.

## SICÍLIA

Em 416 A.C., Atenas decidiu envolver-se na guerra que se desenrolava na Sicília entre várias cidades desta ilha. Como se percebe claramente após a sua derrota, esta decisão resultou num enorme esforço de guerra desperdiçado pelas forças atenienses, e que em muito contribuiu para o desfecho último da Guerra do Peloponeso. Clausewitz lembra-nos que a guerra deve ser utilizada como forma de obrigar, através da força, o nosso inimigo a tomar determinada acção.<sup>7</sup> Por seu turno, Jomini tomava como ponto fulcral da estratégia “a selecção do teatro de guerra, bem como a discussão dos diferentes tipos de operações a serem utilizadas”.<sup>8</sup> Na decisão ateniense em fazer uma expedição à ilha da Sicília para combater as forças aliadas a Siracusa observamos que nem Atenas agiu de forma a ganhar vantagem sobre o seu principal rival, Esparta, nem tão pouco prosseguiu uma estratégia em que tivesse considerado a localização do teatro de guerra, as necessidades logísticas, e o tipo de exército necessário para a conclusão vitoriosa das ope-

rações.<sup>9</sup> Atenas não conseguiu escapar às inevitabilidades da geografia, tanto física como imaginária.<sup>10</sup> Os problemas resultantes da geografia da imaginação, através do desconhecimento ateniense acerca da Sicília, tornavam ainda mais evidente o fracasso da expedição.<sup>11</sup>

O resultado ao nível de comando da expedição ateniense foi a perda do seu melhor general, Demóstenes, a morte de Nícias e de outros generais experientes e o exílio de Alcibíades.<sup>12</sup> Por seu turno, Esparta reconhece a importante vantagem que esta derrota lhe ofereceu, e aumenta as suas expectativas quanto ao resultado da guerra.<sup>13</sup> O império ateniense é igualmente alvo de revoltas em diversas cidades estratégicas para a livre circulação da marinha de Atenas e o comércio que sustentava a cidade.<sup>14</sup> O enorme número de forças perdido na expedição colocou em perigo a própria defesa da cidade de Atenas. Em suma, a estratégia ateniense em confrontar Siracusa e os seus aliados foi desastrosa, tendo acabado por ser a primeira decisão a colocar em perigo Atenas, e a levar a Guerra do Peloponeso para a sua conclusão final – a derrota ateniense.

Ao longo da Guerra do Peloponeso observamos inúmeros episódios onde a assembleia ateniense toma as decisões estratégicas erradas, levada pela elegância da retórica ou pelo desconhecimento das dificuldades em concretizar determinadas acções, como foi o caso da expedição à Sicília. Esta acabou por levar Atenas a combater contra “Esparta, Sicília, o seu império, e ela própria” na guerra civil após a derrota em Siracusa.<sup>15</sup>

## PÉRSIA

A derrota em Siracusa colocou em perigo um dos centros de gravidade de Atenas, nomeadamente o seu império, que sustentava financeiramente outro destes centros, a sua marinha. Foi igualmente responsável pela perda de moral de Atenas, que foi no entanto consecutivamente restaurada com uma série de vitórias navais, garantindo a sua supremacia no mar.<sup>16</sup> Em 406 A.C., após os primeiros tratados e apoios da Pérsia, apesar de tímidos, a Esparta, Atenas consegue aquela que é considerada por muitos a mais incrível vitória naval na Grécia Antiga, em Arginusas, retomando assim o seu lugar como senhora dos mares.<sup>17</sup> No entanto,



***Sem os recursos da Pérsia, e com as vitórias alcançadas por Atenas em diversos momentos posteriores ao desastre na Sicília, poderemos imaginar a possibilidade de uma nova negociação entre Esparta e Atenas e de um diferente desfecho***

um dos resultados mais significativos no desfecho da Guerra do Peloponeso desta derrota de Atenas, foi a consciência por parte da Pérsia que Atenas poderia, de facto, perder a Guerra, e a sua decisão em apoiar Esparta.<sup>18</sup>

Apesar das várias derrotas espartanas desde a assinatura do seu primeiro tratado com a Pérsia, em 412 A.C.<sup>19</sup> a ajuda que esta continuou a providenciar a Esparta foi de grande importância para o desfecho da Guerra do Pelopo-

neso. No momento decisivo, o dinheiro que permitiu a Esparta garantir uma marinha de qualidade foi essencial na vitória final, em Egospotami.<sup>20</sup> Sem os recursos da Pérsia, e com as vitórias alcançadas por Atenas em diversos momentos posteriores ao desastre na Sicília, poderemos imaginar a possibilidade de uma nova negociação entre Esparta e Atenas e de um diferente desfecho.

Em diversos momentos durante o conflito entre a aliança espartana e o império ateniense encontramos erros nas várias dimensões estratégicas por parte de Atenas, que resultaram na sua queda e no final da Guerra do Peloponeso.<sup>21</sup> No seguimento da derrota ateniense em Siracusa, à entrada definitiva, se bem que tímida, da Pérsia no confronto entre Esparta e Atenas, acabando por resultar no pesar da balança da vitória para a primeira.

## CONCLUSÃO

Apesar da estratégia de Péricles descrita em Tucídides não nos parecer, ao contrário de alguns autores,<sup>22</sup> como a melhor estratégia de exaustão para Atenas, seria certamente preferível ao desastre na Sicília, que colocou directamente o império ateniense em causa. Com a morte de Péricles e a perda do principal líder da facção moderada ateniense, Cléon e Alcibíades conseguem garantir o apoio da assembleia popular de forma a mudar a estratégia de Atenas, nome-

adamente ao negar as várias propostas de paz em 427 A.C. e nos anos seguintes, bem como na expedição ateniense à Sicília, com resultados trágicos.

Retomando a ideia introduzida inicialmente acerca dos domínios nos quais Esparta teria de alcançar a vitória sobre Atenas de forma a garantir a vitória na Guerra, assistimos com a derrota na Sicília e a entrada da Pérsia ao culminar desse objectivo, primeiro enunciado por Arquidamo.

A pesada derrota ateniense em Siracusa colocou em causa o império de Atenas, fonte financeira que permitia a esta manter a sua frota naval. O número de baixas de militares experientes, incluindo os generais mortos na expedição são também perdas que abalam a capacidade ateniense

de continuar a lutar. No nosso julgamento, a chegada da Pérsia ao conflito ao garantir a sua ajuda a Esparta acabou por determinar o desfecho final da Guerra do Peloponeso, a derrota de Atenas.

A análise às razões que levaram ao resultado final da Guerra do Peloponeso mostra-nos, desde logo, a incapacidade de Atenas temperar os seus ímpetos populistas.<sup>23</sup> Igualmente, apesar das falhas da estratégia de Péricles, após a morte de este não foi encontrado outro estadista que tivesse a capacidade de persuasão e estatuto para dissuadir a população destes ímpetos, bem como de delinear uma estratégia que tomasse em linha de conta as várias variáveis da guerra e dos efeitos estratégicos.<sup>24</sup> Esparta, que ao longo da guerra sofreu

igualmente inúmeros reveses e falhas estratégicas, foi no entanto capaz de implementar as ideias enunciadas pelo rei Arquidamo no início do conflito. Assistimos em Esparta a uma maior capacidade de enfrentar a natureza imprevisível da guerra.

Concluindo, a derrota de Atenas na Guerra do Peloponeso não era, de todo, inevitável. No entanto, ao não calcular os efeitos inevitáveis de uma potencial derrota em Siracusa, colocando em causa os seus centros de gravidade e a entrada da Pérsia, e sendo incapaz de manter uma estratégia coerente ao longo da Guerra, os atenienses viram-se obrigados a enfrentar uma aliança entre Esparta e Pérsia, culminando na derrota de Atenas na Guerra do Peloponeso. ■

## GUIA DE LEITURAS

- Bruell, Christopher. "Thucydides' View of Athenian Imperialism." *The American Political Science Review* 68, no. 1 (1974): 11–17.
- Butera, C. Jacob. "The Long Walls of Athens." *Classical Review* 59, no. 2 (2009): 513–516.
- Freedman, Lawrence. *War*. Oxford; New York: Oxford University Press, 1994.
- Gray, Colin S. *Modern Strategy*. New York: Oxford University Press, 1999.
- Gray, Colin S, and Geoffrey R Sloan. *Geopolitics, Geography and Strategy*. London;
- Portland, Or.: Frank Cass, 1999.
- Howard, Michael. "The Forgotten Dimensions of Strategy." *Foreign Affairs*, June 1, 1979. <http://www.foreignaffairs.com/articles/32623/michael-howard/the-forgotten-dimensions-of-strategy>.
- Kagan, Donald. *The Peloponnesian War : Athens and Sparta in Savage Conflict, 431-404 BC*. London: Harper Perennial, 2005.
- Kelly, Thomas. "Thucydides and Spartan Strategy in the Archimedean War." *The American Historical Review* 87, no. 1 (1982): 25–54.
- Leib, Karl. "Thucydides and the Centrality of Prudence." *Conference Papers - International Studies Association (Annual Meeting 2008)*: 1–33.
- Platias, Athanassios, and Constantinos Koliopoulos. "Grand Strategies Clashing: Athenian and Spartan Strategies in Thucydides' 'History of the Peloponnesian War'." *Comparative Strategy* 21 (2002): 377–399.
- Strassler, Robert B, ed. *The Landmark Thucydides : A Comprehensive Guide to the Peloponnesian War*. Simon & Schuster, 1998.
- Tsakiris, Theodore George. "Thucydides and Strategy: Formations of Grand Strategy in the History of the Second Peloponnesian War (431–404 B.C.)." *Comparative Strategy*, no. 25 (n.d.): 173–208.

## NOTAS

- <sup>1</sup> Robert B Strassler, ed., *The Landmark Thucydides : A Comprehensive Guide to the Peloponnesian War* (Simon & Schuster, 1998), 1.80–1.85.
- <sup>2</sup> Thomas Kelly, "Thucydides and Spartan Strategy in the Archimedean War," *The American Historical Review* 87, no. 1 (1982): 53.
- <sup>3</sup> Athanassios Platias and Constantinos Koliopoulos, "Grand Strategies Clashing: Athenian and Spartan Strategies in Thucydides' 'History of the Peloponnesian War'." *Comparative Strategy* 21 (2002): 383–384.
- <sup>4</sup> *Ibid.*, 384.
- <sup>5</sup> Ver C. Jacob Butera, "The Long Walls of Athens," *Classical Review* 59, no. 2 (2009): 513–516. para uma reflexão sobre o livro David H. Conwell, *Connecting a City to the Sea: The History of the Athenian Long Walls* (Brill, 2008).
- <sup>6</sup> Lawrence Freedman, *War* (Oxford; New York: Oxford University Press, 1994), 211.
- <sup>7</sup> *Ibid.*, 207.
- <sup>8</sup> *Ibid.*, 212.
- <sup>9</sup> Donald Kagan, *The Peloponnesian War : Athens and Sparta in Savage Conflict, 431-404 BC* (London: Harper Perennial, 2005), 321–322.
- <sup>10</sup> Colin S Gray and Geoffrey R Sloan, *Geopolitics, Geography and Strategy* (London; Portland, Or.: Frank Cass, 1999), 163.
- <sup>11</sup> Strassler, *The Landmark Thucydides*, 6.1.
- <sup>12</sup> Kagan, *The Peloponnesian War*, 328.
- <sup>13</sup> Strassler, *The Landmark Thucydides*, 8.2.4.
- <sup>14</sup> Christopher Bruell, "Thucydides' View of Athenian Imperialism," *The American Political Science Review* 68, no. 1 (1974): 11–17.
- <sup>15</sup> Theodore George Tsakiris, "Thucydides and Strategy: Formations of Grand Strategy in the History of the Second Peloponnesian War (431–404 B.C.)." *Comparative Strategy*, no. 25 (n.d.): 194.
- <sup>16</sup> Kagan, *The Peloponnesian War*, 341.
- <sup>17</sup> *Ibid.*, 458.
- <sup>18</sup> *Ibid.*, 332.
- <sup>19</sup> Strassler, *The Landmark Thucydides*, 8.43.
- <sup>20</sup> Kagan, *The Peloponnesian War*, 471–475.
- <sup>21</sup> Michael Howard, "The Forgotten Dimensions of Strategy," *Foreign Affairs*, June 1, 1979, <http://www.foreignaffairs.com/articles/32623/michael-howard/the-forgotten-dimensions-of-strategy>.